

de agua y la sed que el ver saciar, despierta en el pecho ajeno” (p. 130). Scarpa analisou apenas uma das faces do símbolo bissêmico, a da satisfação nutritiva sem lembrar que a doação de água envolve a doação passiva de si mesma. *Passiva*, no caso, significa “ser dominada pela voracidade do lobo”: Jacó é esse lobo, cuja aproximação assusta as ovelhas e desintegra nas águas do poço a própria unidade especular de Raquel. O poço está indissoluvelmente ligado à imagem uterina de fecundidade e a água que dessedenta é o praser sexual. Não se pode esquecer que o filho de ambos, TAOIN SHRDLU CMF...ÈM E poço por seus irmãos (filhos de Lia) Em síntese, Scarpa fica no sentimental e perifrástico de alguns versos dos quais ele não consegue nos transmitir o frêmito que lhe indicou a escolha. Talvez, visou a mostrar o que escreveu Gabriela em Magallanes, província distante de Santiago. Mas pensamos ser este um critério muito regional e determinista para estudar a obra de uma poetisa que obtivera o Prêmio Nobel de Literatura.

Maria Eugênia de Sousa Medina

\* \*  
\*

MANUEL PUIG “EL BESO DE LA MUJER ARAÑA” Seix Barral/Nueva  
Narrativa Hispânica, Barcelona/1976

Manuel Pouig, experiente em cinematografia (assistente de diretor) transfere para os livros a técnica adquirida naquele setor.

Assim, em *El beso de la mujer araña*, avisa-se em nota de capa que no livro se encontrará “el esquema, en su apariencia, superficial, de una extrema simplicidad” Essa advertência já remete o leitor — mesmo num primeiro contato à percepção de um complexo sistema de relações humanas conflituosas. Essa leitura fácil — o texto em forma de diálogo — permite uma visão panorâmica do Homem, prescrutado intimamente. Através dessa análise toma-se contato com as ideologias que perpassam a obra toda. O espaço é uma cela de um presídio bonairense. Este espaço fechado é transcendido pelos filmes que reconta um dos personagens (o homossexual) ao preso político. Mostra também as pressões externas semelhantes às internas (note-se o pederasta permitindo-se ser maltratado tão somente porque assume a sexualidade como um fim em si mesmo e, por isso, é preso) Esta esfera imaginária leva à indagação não só dos filmes, mas também da vida e das motivações dos personagens. Assim ficamos sabendo a função deles no mundo exterior. Por outro lado, captamos a pressão da polícia, que tenta usar o homossexual para obter informações políticas a respeito de Valentín. O colóquio entre os dois cria nexos surpreendentes, visto que mudará a atitude de ambos: o homossexual ajudará o ativista e ambos se tornarão amigos.

Essas pressões que ocorrem em qualquer regime de força mostram-nos o ser humano espoliado em seus direitos. Temos aí uma convergência: ponto-de-chegada para o autor — o livro — e ponto-de-partida para o leitor: a reflexão.

O modo de narrar lembra uma película cinematográfica na qual o diretor não focaliza detalhes do ambiente (sabe-se que estão numa cela, pela conversa dos detentos), mas detém-se no exame psicológico de seus personagens.

Os primeiros filmes que o homossexual conta ao companheiro têm, inicialmente, uma função lúdica (embora seja também uma metáfora da situação deles), mas assa para a catártica pela qual eles se desnudam duplamente o desnudando-se vagueiam pelo espaço anímico. Essa captação se dá através de uma reflexão descontínua pela introdução de aspectos pragmáticos esetabelecendo-se por isso um jogo dialético.

Quanto ao narrador se dirá que além do macro-enunciador (o próprio autor) encontramos narrações de : 1) Luís Alberto Molina — preso por corrupção moral que se apaixona por 2) Valentín Aguirre Paz — comunista; 3) Relatórios feitos pela polícia, que vigia Molina quando este sai em liberdade condicional; 4) As notas de rodapé que resumem vinte e seis trabalhos sobre a homossexualidade de autores (vinte e dois) que vão desde Freud até Marcuse.

Esse narrador maior, cuja presença só é percebida através da preocupação de inculcar ordem ao relato e à obra (nesta, através da divisão em capítulo e naquela, pela seleção) é secundado pelos personagens que apresentam, numa metalinguagem uma sequência de filmes. Estes que parecem inócuos, servem para enredar o ouvinte como uma teia de aranha (cf. p. 118, onde o filme é sobre um possível revolucionário). Finalmente, essa teia se fecha e a aranha (o próprio Molina) apanha a presa (Valentín), mas é também apanhado.

No último dia em que estão juntos, Valentín chama Molina de “mujer araña que atrapa a los hombres en su tela” (p. 265). No delírio — parte final do livro — Valentín já identifica a mulher de cuja cintura saem fios (como os da aranha) que lhe dão nojo, mas que “tal vez acariciándolos sean tan suaves como quien sabe qué” (p. 285) e de quem ele diz que lhe “señaló con el dedo un camino en la selva” (p. 286).

Através dos múltiplos narradores, Puig apresenta ideologias conflitantes na Argentina atual e também uma exploração dos personagens que permite marcar como as personalidades dos dois se interpenetram e mudam à medida que o relato dos filmes progride. Por isso, Valentín tem relações com o homossexual e este não terá condições de traí-lo, chegando a perder a vida por isso.

Manuel Puig, através dos diálogos, explora a situação em que o homossexual consegue autenticar-se e fugir dos apelos da polícia, que o deseja delator, com inteligência.

Maria Eugênia de Sousa Medina

\* \* \*

\*